

O CONTO DE AIA: O SUFOCAMENTO DO FEMINISMO E A VITÓRIA DO PATRIARCALISMO NO FUTURO DISTÓPICO DE MARGARET ATWOOD

Elis Regina Fernandes Alves*

Danielle Fabrício dos Santos**

RESUMO: Analisa-se o romance distópico *O conto de aia*, de Margaret Atwood, publicado em 1985, observando-se a fragilidade das conquistas do feminismo. A protagonista perde todos os seus direitos e transforma-se em uma mera reprodutora. A abordagem foca na constante necessidade de lutas feministas pelos direitos das mulheres, evidenciando como a protagonista ainda tenta subverter sua situação em pequenos atos de resistência. Como aporte teórico, são consideradas, principalmente, as proposições de Alves e Pitanguy (1985), Michelle Perrot (2019), Mary Wollstonecraft (2016) Simone de Beauvoir (2019), Elaine Showalter (2014), Kate Millett (1970).. A análise revela que a protagonista vive em um futuro distópico no qual houve uma regressão das conquistas feministas, que foram sufocadas, levando à vitória do patriarcalismo que impõe às mulheres estilos de vida arcaicos, baseados fortemente em um teor religioso e fanático. A obra evidencia que, como já apontava Simone de Beauvoir, os direitos das mulheres nunca estarão seguros, portanto é imprescindível que todos tenham esta consciência e as lutas feministas continuem de forma constante.

Palavras-chave: Crítica literária feminista. Lutas feministas. Resistência.

Introdução

Os movimentos feministas começaram a se fortalecer por volta da primeira metade do século XIX, na França, e nesta época muitas mulheres já eram exploradas não só no trabalho, como também em casa e na sociedade como um todo. O movimento só passa a tomar maior proporção mundial em meados de 1920, principalmente pela luta do direito ao voto, pois, ao perceberem que estariam sujeitas à desigualdade entre os sexos eternamente, se dependesse das leis em vigor, as mulheres passam a reivindicar seus direitos gradualmente ao redor do mundo, consolidando-se por volta de 1960, visando a igualdade econômica, política e sexual, além de proporcionar frentes de luta para acabar com a opressão feminina (ALVES; PITANGUY, 1985). A partir desse ponto, a eficiência e o sucesso das mulheres em diversos campos, aos quais não possuíam acesso antes, passam a ser objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Desse modo, muitas pesquisadoras dedicam-se à mulher como escritora e como objeto de estudo na literatura, surgindo,

* Professora Doutora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, no curso de Letras- Língua e Literaturas Portuguesa e Inglesa no IEAA- Instituto de educação, agricultura e ambiente da cidade de Humaitá- AM.

** Estudante do Curso de Letras - Português e Inglês, na Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

assim, a crítica feminista e a ginocrítica, o estudo da mulher como escritora. Com a sistematização dessas duas vertentes somadas ao estudo da figuração de personagens femininas, abrem-se inúmeros caminhos para as mulheres na literatura, desde as leitoras até as autoras (ZOLIN, 2003a).

Este trabalho traça os principais momentos da trajetória das mulheres até sua ascensão à posição social em que se encontram na contemporaneidade, e de que forma o movimento feminista tornou possível a busca pelo fim da opressão do patriarcado e a reivindicação de direitos. Obras de teóricas feministas famosas como Wollstonecraft (2016), Beauvoir (2019), Perrot (2019), entre outras, são consideradas para entender o avanço dos movimentos feministas. Quanto ao feminismo na literatura, são referenciais as obras de autoras como Kate Millett (1970), Elaine Showalter (2014), e Virginia Woolf (2014), entre outras.

Com base no feminismo na literatura, este trabalho se propõe a analisar *O conto da aia*, publicado em 1985, por Margaret Atwood, obra que narra um futuro distópico em que as mulheres deixam de ter qualquer poder na sociedade, sendo vistas como reprodutoras, empregadas domésticas, esposas, nunca como seres autônomos. Partindo do ideal de Beauvoir (2019a), de que os direitos das mulheres nunca estão realmente seguros, objetiva-se analisar como esta obra evidencia a fragilidade das conquistas feministas frente a um violento sistema patriarcal. Analisa-se, ainda, a tentativa de resistência por parte das personagens femininas, que se veem quase anuladas num ambiente extremamente autoritário.

1 Os embates do feminismo em termos históricos e sociais

Ao longo dos séculos, as mulheres têm passado por diversas lutas e desafios no que concerne aos seus direitos e deveres. Ainda no século XVIII, as obrigações eram várias e os direitos quase nulos. As mulheres ainda não eram reconhecidas como seres individuais nesta época, pois delas se esperava apenas submissão e passividade em relação aos homens. “Educadas” a obedecer e se comportar, na infância já eram preparadas para o casamento, seu único meio de ascender socialmente (WOLLSTONECRAFT, 2016). Além disso, para conseguir um marido, as mulheres deviam mostrar virtudes delicadas, como ingenuidade e pureza, castidade e virgindade, além de se encaixar fisicamente no padrão de beleza feminino, ou seja, deviam manter sempre a preocupação com certa beleza estética. Wollstonecraft ainda estabelece diversas críticas sobre a educação feminina e a modéstia esperada das jovens mulheres:

As mulheres devem se esforçar para purificar seu coração, mas podem elas fazê-lo quando seus entendimentos incultos as tornam inteiramente dependentes dos sentidos em suas ocupações e distrações, quando não contam com atividades nobres que as coloquem acima das pequenas vaidades cotidianas ou que lhes permitam refrear as emoções selvagens que agitam o junco, sobre o qual toda brisa passageira tem poder? Para ganhar o afeto de um homem virtuoso é necessária a afetação? (2016, p. 50).

Apesar de as moças serem condicionadas desde a mais tenra idade a idealizarem um casamento perfeito, tal convenção social configura-se predominantemente como um instrumento de dominação da mulher por parte da igreja, da família e da sociedade, como entendeu Bourdieu (2012) ao classificar tais “aparelhos ideológicos do estado” como instrumentos a favor do patriarcalismo. Quando casada, era cobrado da mulher seu papel biológico e social de reprodutora, além de lealdade e obediência total para com o marido. Desta forma, a mulher não tinha direito sobre o próprio corpo, subjugado pela sociedade patriarcal, que cria tabus sobre o corpo e a sexualidade feminina:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2012, p. 19).

Nem sequer recebiam uma educação digna, que envolvesse filosofia, artes ou ciências, eram ensinadas somente o suficiente para entreter e agradar seu parceiro, pois a dominação supõe sempre um ato de conhecimento, avalia Bourdieu (2012). A educação feminina, quando voltada para o âmbito artístico ou acadêmico, consistia em se alfabetizar, aprender a devida etiqueta, tocar piano etc.:

Ela é mais educada do que instruída. A escolarização das meninas é mais atrasada que a dos meninos, principalmente nos países católicos. [...] Nos meios católicos, as religiosas se encarregam de ateliês onde ensinam às meninas: rudimentos de leitura, a prece e, principalmente, a costura (PERROT, 2019, p. 43-44).

Em 1789, a francesa Olympe de Gouges, propõe sua *Declaração dos Direitos da Mulher*, reivindicando igualdade política, econômica e social entre os sexos. Porém, foi guilhotinada por exposição de pensamento e comportamento contrários à ética e à moral cristã do período. Virginia Woolf (2014) destaca sucessivos triunfos das mulheres no longo processo de reivindicação de seus direitos. Em 1866, havia duas instituições de ensino superior que eram voltadas para mulheres na Inglaterra, ainda que só as frequentassem aquelas que possuíam melhores condições econômicas. Em 1881, foi instaurada a lei Ferry na França, que criou a escola primária gratuita, obrigatória e laica para ambos os sexos (PERROT, 2019). Woolf abordou, em *Um teto todo seu*, o valor do trabalho e da

independência financeira, realçando a importância de uma educação digna, que permitisse às mulheres a possibilidade de exercício de suas habilidades e capacidades mentais, além de toda a conjuntura que engloba três pontos vitais para a liberdade: educação, trabalho e propriedade.

Na política, as mulheres não tinham voz nos assuntos que fossem de seus interesses ou afetassem as comunidades nas quais estavam inseridas. “Quanto aos direitos políticos, não foi sem dificuldade que se conquistaram na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos. Em 1867, Stuart Mill fazia, perante o Parlamento, a primeira defesa oficialmente pronunciada do voto feminino.” (BEAUVOIR, 2019a, p. 176). Sua luta pelo voto caracterizou-se inicialmente por reivindicações que eram rechaçadas em face de uma desigualdade à qual ainda se encontravam submetidas. O sufrágio feminino foi conseguido somente em 1928, na Inglaterra, por exemplo (BEAUVOIR, 2019a).

Ao colocar em pauta a recém adquirida posição política e social das mulheres, suas posições no seio familiar passam a ser reavaliadas. De acordo com Saffioti (2015), a identidade social da mulher caracteriza-se pela responsabilidade na manutenção da residência e da criação dos filhos, processo no qual a sociedade investe para fins de sua naturalização. Assim, as feministas passaram a focar seus esforços em outras frentes de luta, incluindo o seu papel obrigatório de reprodutora atribuído pela sociedade, como se evidencia:

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher [...]. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos (ALVES;PITANGUY, 1985, p. 60-61).

A partir das décadas de 1960 e 70 em diante, o movimento feminista atingiu grandes proporções no alcance de seus debates políticos, visando sempre a transformação social por intermédio do processo de conscientização da sociedade no que concerne ao papel das mulheres, sendo o direito à escrita uma das conquistas do movimento.

2 O movimento feminista como corrente literária

Desde a década de 1960, a sociedade passou a ter mais consciência da existência do movimento feminista devido às reivindicações por direitos das mulheres. A literatura feminina já acompanhava as lutas das mulheres há um tempo considerável, porém, sem receber o devido nome e reconhecimento merecidos. Esse reconhecimento ganhou força com o trabalho de Mary Wollstonecraft, considerada uma das primeiras críticas feministas. A autoria feminina avançou e ganhou grande força em meados do século XIX, pois as mulheres passaram a publicar mais s, mas,

somente no século XX ocorre a sistematização do feminismo como crítica literária. A crítica feminista surgiu em tom de denúncia referente à figuração das mulheres dentro da sociedade patriarcal em obras literárias, visando não só a discutir sobre as discriminações, estereótipos e proibições para o sexo feminino, como também alcançar mudanças necessárias na ordem social, por meio de debates e análises da literatura que possibilitem a reflexão dos valores do patriarcado:

O objetivo desses debates [...] é a transformação da condição de subjugada das mulheres e seu modo de representação na literatura. Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. Tais discursos não só interferem no cotidiano feminino, mas também acabam por fundamentar os cânones críticos e teóricos tradicionais e masculinos que regem o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 2003a, p. 212).

Elaine Showalter (2014), ao analisar a autoria feminina, categorizou e dividiu a literatura feminina em três fases: Feminina, Feminista e Fêmea; todas estas de acordo com o momento político, histórico e social em que se introduziam. É preciso manter em mente que estas transformações passadas na trajetória da escrita feminina não se iniciavam ou terminavam em alguma data exata, mas sim aconteciam em pontos aproximados um do outro, podendo até mesmo ocorrer simultaneamente.

Inicialmente, em meados de 1840, no que Showalter descreveu como o período da fase Feminina, as escritoras baseavam-se ainda nos moldes dos escritores masculinos, seguindo os estereótipos já conhecidos pelos leitores. As personagens femininas dos romances eram retratadas como seres frágeis, de feminilidade incurável, artifício do qual se utilizavam, nos enredos das obras, para ganharem favores e proteção de homens que se encaixavam prontamente no papel de cavalheiros. Ao analisar esta primeira fase, entende-se que as escritoras da época se encontravam ainda amarradas a certos estereótipos, sendo um deles o final feliz sempre por intermédio do casamento. Segundo Millett (1970): “Todos os romances vitorianos devem terminar por um casamento feliz; sobretudo os escritos por mulheres.” Woolf (2014) salienta que a escrita dessas mulheres tendia a transparecer certo rancor derivado de uma vida de restrições e proibições.

Por volta de 1860, as mulheres procuravam por uma maneira de inverter o monopólio das publicações de romancistas do sexo masculino. Mesmo que houvesse publicações voltadas para o público feminino, eram todas dirigidas e escritas por homens e possuíam um teor conservador que não apoiava os direitos das mulheres, sendo a partir desse ponto que surgem os romances sensacionalistas, escritos e editados por mulheres. Com o intuito de chocar o público vitoriano, cuja

maioria eram mulheres ociosas de classe média, os romances sensacionalistas escandalizavam com ideias ousadas e davam voz às mais variadas mulheres, de tal modo que tais obras se tornaram logo *best sellers* por suas representações audaciosas do sexo feminino, como observa Showalter:

As Kathleen Tillotson points out, the purest type of sensation novel is the novel-with-a-secret. For the Victorian woman, secrecy was simply a way of life. The sensationalists made crime and violence domestic, modern, and suburban; but their secrets were not simply solutions to mysteries and crimes; they were the secrets of women's dislike of their roles as daughters, wives and mothers. These women novelists made a powerful appeal to the female audience by subverting the traditions of feminine fiction to suit their own imaginative impulses, by expressing a wide range of suppressed female emotions, and by tapping and satisfying fantasies of protest and escape. (2014, p. 130).

Esses romances não chegaram a ficar marcados na história, pela pouca qualidade literária apresentada, mas ajudaram a impulsionar a fase seguinte da literatura de autoria feminina. O público feminino da época acompanhava as obras sensacionalistas, mesmo que estas obtivessem uma recepção negativa por parte dos críticos. Entre 1880 e 1890, desenvolve-se a fase Feminista. Voltado para a reivindicação dos direitos das mulheres, este período literário protestava contra os valores vigentes da sociedade patriarcal por intermédio de obras que denunciavam e buscavam refutar os estereótipos femininos (ZOLIN, 2003b). Apesar da tentativa de abandono dos clichês literários da época, compreende-se que, nesse momento de transição, encontravam-se ainda muitas contradições e conflitos entre as feministas (SHOWALTER, 2014).

Com a virada do século, a chegada do Modernismo na literatura trouxe a ascensão do romance psicológico, cujo foco não eram as ações do enredo, mas a personagem em si, seus sentimentos e ambições. A escrita feminina passou a tornar possível a exposição das emoções das mulheres nos romances, figurando personagens cuja principal ambição não era mais o casamento, pois este já não satisfazia totalmente seus anseios, mas sim o processo de reflexão sobre sua condição de mulheres associada à sua posição social (ZOLIN, 2003b). Virginia Woolf foi a ficcionista que melhor representou estas mulheres em busca de um propósito maior. Ela levou a considerar a natureza do cânone literário e a posição das autoras, incluindo os textos escritos por mulheres e sobre mulheres. Em *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, Woolf criticava “O Anjo do Lar”, estereótipo recorrente do período vitoriano, cujo papel era representar a mulher submissa aos moldes patriarcais, como se observa:

[...] Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E

principalmente seja pura”. E ela fez que ia guiar minha caneta. [...] Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. (WOOLF, 2019, p. 12-13).

Ela simultaneamente revisa e adentra a natureza e forma da teoria e crítica literárias, formando uma nova linguagem sobre a literatura feminista. Um bom exemplo é o já citado livro *Um teto todo seu* (ano). Baseado em seus antigos ensaios, o estilo da obra permite que a leitura seja feita em forma de novela, inovando as relações entre crítica e ficção, e é também considerada a primeira obra moderna da crítica feminista literária (GOLDMAN, 2007). Neste momento, as personagens femininas de autoria feminina nem sempre recebiam um final feliz, visto que estas já não eram mais as mocinhas do período literário passado. A escrita feminina demorou muito tempo para se libertar dos velhos rótulos, mas assim ocorreram os embates do movimento feminista também, sendo a conquista de direitos e libertação um processo lento e gradual.

Nos anos 1920, houve outra mudança de foco na literatura. As mulheres deixavam de lado os questionamentos sobre seus casamentos e posições sociais e passavam a tentar decifrar quem elas eram no mundo. Segundo Showalter (2014), esta nova fase, por ela denominada Fêmea, trata-se de um período de autodescoberta, de procura pela identidade própria. Entretanto, é perceptível que as romancistas deste período, em sua busca pelo eu interior, culpavam suas heroínas por suas fraquezas, tendendo a castigá-las. O interesse pelo processo criativo feminino esbarrava em recriminações, dentre outros sentimentos negativos voltados a si mesmas, sendo inclusive o suicídio e o autossacrifício umas das armas mais representadas pelas mulheres como modo de escape à dominação masculina.

De 1930 em diante, as heroínas dos romances escritos por mulheres se encontravam ainda passivas e autodestrutivas, mas, já se percebe uma franqueza maior relacionada à abordagem de tópicos sobre corpo feminino e outros considerados tabus anteriormente, como o adultério, aborto, lesbianismo e prostituição (SHOWALTER, 2014). Era nítido o tom político destes temas, e a impressão de intensidade que almejavam causar.

Em 1949, Simone de Beauvoir publica *O segundo sexo*. Entende-se sua mais ilustre frase como sendo a que melhor resume o cerne de sua teoria: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (2019b, p.11). O ponto principal de sua crítica reside na questão do que é ser mulher sem as imposições sociais, sem ter de cumprir as expectativas e obrigações impostas. Segundo Beauvoir, muitas autoras se perdiam no derrotismo infligido pelos críticos literários e acabavam por contentar-se

com o aceitável. Ao desmistificar a ideia da mulher tradicional, dependente e submissa, a filósofa prometia implicações maiores do que o esperado, pois entendia que, tocado um mito, todos os outros entram em perigo. (BEAUVOIR, 2019b). Buscava inspirar tanto escritoras quanto leitoras ao afirmar:

A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à dele. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. (2019b, p. 505).

Entende-se que, para Beauvoir, a escrita se configurava como um caminho para a libertação. Ela acreditava na possibilidade de transformação psicológica e social das mulheres por meio da literatura, assim como o encaminhamento rumo à liberdade. Com a publicação da teoria da política sexual de Kate Millett, em 1970, pesaram diferentes encadeamentos sobre a literatura, consolidando o movimento feminista como corrente literária. A autora afirma que o desaparecimento das posições pré-determinadas aos sexos e a independência do sexo feminino poderiam acarretar numa total destruição da economia e organização patriarcal (MILLETT, 1970).

Elaine Showalter sistematizou seu conhecimento adquirido em torno da escrita feminina em sua tese *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*, na qual dividia sua teoria relacionada à autoria feminina em dois tipos de crítica: a crítica feminista e a ginocrítica. A crítica feminista tem como objeto de estudo a escrita feminina e a maneira como esta se volta para as mulheres como um público, analisando os estereótipos, sexismos e a representatividade adequada nos cânones literários. A ginocrítica centra-se nas escritoras e seus métodos e procedimentos de trabalho, relacionando-as a outros modelos teóricos (ZOLIN, 2003a).

Com base nessas considerações, importa entender como as lutas feministas são importantes na configuração social de *O conto de Aia*, de Margaret Atwood (1985). Além disso, é relevante verificar como a figuração feminina, nessa obra, revela o amadurecimento da autoria feminina e serve de advertência para a fragilidade das conquistas feministas.

3 O feminismo em *O conto da aia*

Margaret Atwood publicou *O conto da aia* em 1985. Para Lima, em dissertação de mestrado de 2017, este é o trabalho mais famoso da escritora, e ganhou adaptação para a televisão nesse mesmo ano, expandindo o alcance do público, recordando os temas relevantes de cunho político e social, e revivendo o sucesso do livro. No romance, a autora denuncia a opressão das mulheres pelo silêncio de suas vozes na sociedade e pela representação do corpo feminino e a maneira como este

se torna a fonte de seus problemas. Suas protagonistas geralmente amadurecem em resultado às condições duras às quais são expostas, na visão de Soofastei e Mirenayat em artigo de 2015, sobre a política sexual em Atwood.

De acordo com Urnau e Tybusch (2019), *O conto da aia*, por ter sido lançado um ano após o fim do regime militar no Brasil, teve certo impacto sobre o público do país, por apresentar semelhanças com este período de ditadura. O autoritarismo, a censura e a perda de direitos são temas recorrentes nessa obra literária de Atwood e que se assemelham muito com o tipo de sujeição que as mulheres brasileiras também sofreram neste período, renovando-se a crítica até mesmo para o cenário político brasileiro atual, evidenciando o autoritarismo do governo e o perigo real de um retrocesso das conquistas femininas, sendo o país constantemente comparado à Gilead no pior dos casos, como se verá a seguir.

O conto da aia se passa em um futuro distópico no qual os Estados Unidos são tomados por um grupo extremista e regime ditatorial teocrático, cujos princípios se apoiam em passagens bíblicas interpretadas de maneira literal ou distorcida, sempre convenientes aos interesses dos que estão no poder. Esta nova sociedade gira não só em torno do poder masculino e patriarcal, como também esmaga os direitos das mulheres e suas recentes conquistas, além de destituí-las de suas identidades. Devido à baixíssima taxa de natalidade causada pelo alto nível de radiação das usinas nucleares, a concepção de filhos torna-se difícil e esse passa a ser o objetivo máximo das famílias de Gilead.

A nova ordem desse local fictício organiza a sociedade de maneira que os homens sejam privilegiados, e há comandantes militares com maior autoridade e poder sobre as mulheres. Elas não podem ir e vir, não possuem controle do próprio corpo, não podem possuir bens ou dinheiro, nem sequer ler ou escrever. As mulheres são divididas em categorias que determinam sua posição e função dentro da comunidade, possuindo também certa hierarquia de poder entre si, e para cada posição é atribuída uma cor como meio de representação dessas categorias. O azul é designado para as esposas dos comandantes, que mantém a casa e o casamento; as faxineiras e cozinheiras são denominadas Marthas e vestem a cor verde; para as aias, cuja única função é serem reprodutoras, é designado o vermelho; as Econoesposas vestem listras de cor azul, verde e vermelho e desempenham estes três papéis simultaneamente. As Tias têm autoridade sobre as outras mulheres e vestem-se de marrom; e as Não mulheres são aquelas que já não possuem utilidade nenhuma para o regime, são mandadas para as colônias, obrigadas a viver em meio ao alto nível de radiação. A história tem como protagonista a aia denominada Offred, que é adotada pela família de um comandante para engravidar.

Os acontecimentos da obra ocorrem na década de 1980, período em que o movimento feminista se encontrava em alta e conquistava direitos jurídicos, políticos e sociais para as mulheres. O foco narrativo aproxima-se do gênero epistolar, uma espécie de diário encontrado anos depois da história. A narrativa alterna-se entre presente e passado, e há confusão, inconstância temporal na narrativa, representando, também, a inconstância e incerteza de Offred quanto ao seu futuro, ao que aconteceu com sua família. Compreende-se que esse tipo de foco narrativo, fragmentado e inconstante, foi escolhido justamente para causar incerteza no leitor, visto que essa nova ordem também nunca foi explicada devidamente aos cidadãos de Gilead.

Ao relembrar sua liberdade perdida, a protagonista pensava sempre em sua mãe e em sua amiga, Moira. Ambas apoiavam a luta feminista e mostravam-se ativas na causa. Vale ressaltar que, nessa época o movimento feminista já havia se fortalecido consideravelmente, com a conquista do direito ao voto, ao trabalho remunerado, à contracepção e ao aborto, em certos países, além da devida atenção voltada para teóricas feministas importantes na literatura, que acrescentaram ainda mais peso ao movimento, como Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Kate Millett, entre outras. Há vários trechos que demonstram os diferentes tipos de protestos dos quais sua mãe participava e a maneira como esta tentava conscientizá-la da importância dos movimentos feministas. Por exemplo, ela se orgulhava do fato de ser mãe solo e de ter conquistado sua independência sozinha também, portanto entende-se que esta esperava que a filha partilhasse de seu pensamento: “Não sabem as coisas por que tivemos que passar, só para conseguir fazer com que vocês chegassem onde estão. [...] Vocês não sabem quantas vidas de mulheres, quantos corpos de mulheres os tanques tiveram que passar por cima só para chegar a este ponto?” (ATWOOD, 2017, p. 148-149).

Para Moira, a melhor amiga de Offred, também é atribuído esse símbolo de resistência, pois Offred se recorda sempre do caráter forte da amiga quando se encontra em situações que precisa de esperança e inspiração. Moira era independente e, assim como a mãe da protagonista, não se encaixava nos padrões impostos à mulher na sociedade, era lésbica, rebelde, se envolvia em passeatas contra imposições ideológicas às mulheres.

Offred ainda não havia se alarmado para a situação do golpe político no país nem mesmo quando não conseguiu passar seu cartão em uma loja ou acessar sua conta bancária, entretanto começa a se desesperar quando ela e outras trabalhadoras foram retiradas de seu lugar em nome da lei. Desacreditadas da situação, ao indagarem os motivos para tal, perceberam que havia homens armados do lado de fora do prédio. A aia recorda seus sentimentos de perda neste trecho: “Uma vez que nenhuma de nós compreendia o que havia acontecido, não havia muito que pudéssemos dizer.

Olhamos para os rostos umas das outras e vimos uma tristeza angustiada e certa vergonha, como se tivéssemos sido apanhadas fazendo alguma coisa que não deveríamos.” (ATWOOD, 2017, p. 212). Percebe-se aqui um sentimento de culpa internalizado por essas mulheres, resultante da história de opressão de inúmeras gerações em função do patriarcalismo. No enredo, primeiro retiraram-lhes o poder econômico, as contas bancárias, o acesso ao dinheiro e o direito de possuir propriedades em seu nome, sendo obrigadas à tutela de um marido, um pai, um irmão, ou um membro da família de sexo masculino mais próximo. Houve uma total regressão dos direitos que já haviam sido conquistados, ressaltando a fragilidade dos direitos da mulher, que mesmo com a constante luta dos movimentos feministas, são instáveis, trazendo a percepção de que as pequenas vitórias podem ser revogadas a qualquer momento na sociedade patriarcal, como já dizia Beauvoir (2019a).

Uma cena importante do romance passa-se no Centro Vermelho, onde realiza-se o Testemunho, um momento dedicado para que as aias contem situações difíceis vividas na sociedade anterior à Gilead, para que percebam como a nova ordem as mantém seguras. Janine, uma das Aias, conta no Testemunho sobre um estupro coletivo de que foi vítima aos catorze anos de idade, que resultou em um aborto; enquanto isso Tia Helena incita as outras Aias a apontarem seus dedos e a acusarem de ser a culpada do ocorrido, por ter seduzido os homens, afirmando que Deus só permitiu tal tragédia para ensinar-lhe uma lição:

Tia Helena a fez se ajoelhar na frente da turma, com as mãos atrás das costas, onde todas podíamos vê-la, o rosto vermelho e o nariz pingando. [...] Ela tinha uma aparência repugnante: fraca, se retorcendo toda agitada, manchada, avermelhada, rosada como um camundongo recém-nascido. Nenhuma de nós queria ter aquela aparência nunca. Por um momento, apesar de sabermos o que estava sendo feito com ela, nós a desprezávamos. Bebê chorão. Bebê chorão. Bebê chorão. E falávamos sério, sinceramente, o que é pior. (ATWOOD, 2017, p. 88).

Esta situação reforça o entendimento geral da sociedade patriarcal de que se algo aterrorizante, como a agressão sexual, acontece com a mulher, ela tem alguma espécie de culpa no ocorrido. Avaliam-se, nesses casos, o tipo de roupa que a mulher usava, onde se encontrava, o que estava fazendo para incitar a agressão, e outros argumentos que possam de alguma forma diminuir ou retirar a culpa do agressor sobre o acontecimento, reforçando o que Saffioti (1987) chamou de “o poder do macho”. O trecho reafirma a culpa já enraizada nas mulheres devido à influência de inúmeras gerações patriarcais, e ressalta a ideia das mulheres como inimigas umas das outras, visto que as aias desprezam Janine naquele momento por sua culpa e, posteriormente, estas aias são desprezadas pelas outras mulheres de Gilead, sendo essa culpa atribuída a todas elas, o que reafirma a tese de Bourdieu (2012) sobre a incorporação da dominação, quando as mulheres, ensinadas a

seguir certas ideologias sexistas, as assumem como verdadeiras e as reproduzem, mesmo que de forma inconsciente.

Destaca-se, também, que, durante suas caminhadas diárias ao mercado, Offred se depara com diversos elementos que indicam a mudança trazida por Gilead ao país, e um dele são as “econoesposas”: “Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem (ATWOOD, 2017, p. 35).” Apesar do contraste entre os antigos e novos costumes, certos aspectos do patriarcado continuam os mesmos, como a posição das Econoesposas, que devem ser capazes de fazer tudo o que as outras mulheres fazem individualmente. Apenas os oficiais de alta patente podem receber mais de uma mulher em suas casas, ao contrário dos homens mais pobres que só podem ter uma, refletindo o estereótipo da mulher objetificada no patriarcado, partindo do pressuposto de que quanto mais rico um homem for, maior será o número de mulheres que ele terá. O próprio termo “econoesposa” remete à ideia da economia financeira, da mulher barateada, econômica, específica para homens mais pobres.

Uma das exigências que Offred deve cumprir é manter-se bem limpa e asseada para as noites de Cerimônia, dia do mês em que estaria fértil e haveria a relação sexual com o Comandante. Antes da cerimônia, o comandante lê o trecho bíblico utilizado para justificar a transformação de mulheres em procriadoras:

Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra. Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela. (ATWOOD, 2017, p. 109 – grifos da autora).

São notáveis as passagens bíblicas sobre as quais Gilead baseia fortemente os princípios de seu governo teocrático. São ideias implementadas nos costumes da nova ordem, principalmente na Cerimônia, levando o leitor a perceber como se originou o papel das Aias, e que tais crenças são exercidas de maneira literal ao se tratar das mulheres, inclusive no que diz respeito ao resultado da incapacidade de conceber: a morte.

Adiante, Offred descobre que Moira havia conseguido fugir do Centro Vermelho. Levando Tia Elizabeth a um lugar escondido, Moira a amarrrou, amordaçou e trocou suas roupas com as dela, se passando por Tia Elizabeth ao sair do Centro Vermelho. As Aias passam a ver esperança na fuga de Moira, pois esperavam que ela fosse pega e trazida de volta, mas isto não aconteceu:

[...] Moira era nossa fantasia. Nós a mantínhamos carinhosamente sempre junto de nós, estava conosco em segredo, uma fonte de diversão; [...] À luz de Moira, as Tias eram menos assustadoras e mais absurdas. O poder delas tinha em si um defeito. Elas podiam ser capturadas à força em toaletes. A audácia era do que gostávamos (ATWOOD, 2017, p. 162).

Moira consolida-se como um símbolo de resistência e liberdade na narrativa e passa a ser uma fonte de inspiração e esperança para todas as Aias. Socialmente, Mary Wollstonecraft foi um exemplo para muitas mulheres por suas reivindicações feministas; muitos anos mais tarde, mulheres como Jane Austen, George Eliot e as irmãs Brontë lutaram para que tivessem o direito de escrever obras literárias de qualidade e inspiraram inúmeras escritoras posteriormente. As lutas feministas nunca morrem, mas se fortalecem por meio de mulheres que se destacam e criam uma espécie de elo, uma corrente que não só auxilia as próximas gerações, como também as incentivam a continuarem a resistir. Estas pioneiras dos campos feministas foram corajosas e inspiradoras para as outras mulheres, assim como Moira foi para as outras Aias. Em momentos como esse, a personagem Offred certamente revela-se como uma personagem da fase feminista de Showalter (2014), pois encontra sua vontade de resistir ao regime, principalmente ao tomar Moira como inspiração.

Porém, adiante Offred descobre que sua melhor amiga fora transformada em prostituta após a fuga frustrada do Centro Vermelho. Moira, claramente uma rebelde aos olhos de Gilead, além de lésbica, ou seja, uma Traidora de Gênero, também era feminista, mas possuía beleza física, sendo útil de alguma forma. Moira continua sua história:

De modo que aqui estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. [...] A comida não é má e tem bebida e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite. – Moira – digo. – Você não está falando sério. – Ela agora está me assustando, porque o que ouço em sua voz é indiferença, uma falta de volição. Então, será que realmente fizeram isso com ela, tiraram-lhe alguma coisa, o quê?, que costumava ser uma parte tão essencial dela? Mas como posso esperar que Moira continue, com minha idealização de sua coragem, que viva à altura dela, que aja de acordo com ela, quando eu mesma não o faço? (ATWOOD, 2017, p. 296).

A personagem que era um símbolo de liberdade e resistência, acabou tendo de escolher o pior dos males e, por consequência, teve uma parte de seu espírito rebelde quebrado. A situação de Moira parece um simbolismo para a derrota do feminismo em meio à desumanização, desmoralização e a vitória do patriarcado. Offred parece começar a adentrar no que Showalter classificou como a fase fêmea, a fase da descoberta, pois percebe que está perdendo sua própria identidade, ao ver a posição de Moira.

Até o momento final da história de Offred, o leitor, assim como ela, não tem certeza de nada, nem mesmo sobre o seu verdadeiro nome. Não se sabe se ela entrou num carro com verdadeiros “Olhos”, oficiais do regime, ou se conseguiu escapar de Gilead. A narrativa tem início com a protagonista sem esperanças ou nenhuma perspectiva e, no decorrer da história da Aia, há uma série de acontecimentos que a fazem sentir que ainda há esperança, porém, apenas para essa esperança ser rechaçada novamente conforme a narrativa avança, sendo o leitor levado também a acreditar que as coisas poderiam ter tomado rumos diferentes e positivos. Reforça-se o alerta sobre a fragilidade das conquistas femininas, que sempre podem ser retiradas das mulheres se não se mantiverem em vigília, sempre firmes em suas lutas por direitos.

Considerações finais

Esta pesquisa objetivou analisar a obra *O conto da aia*, de Margaret Atwood, de 1985, de maneira a evidenciar o sufocamento do feminismo e as tentativas de resistência por parte da protagonista, que se encontra presa em uma nova ordem estatal teocrática e patriarcal violenta no enredo de futuro distópico da obra. Nesse futuro distópico, é evidente que houve uma regressão das lutas feministas, sendo suas conquistas sufocadas pelo patriarcalismo extremista. Essa nova ordem impôs para as mulheres modelos de vida e valores ultrapassados, muito similares aos empregados séculos antes. No caso de Offred, protagonista que é rebaixada a mera reprodutora do regime, é ainda pior, pois ela sofre uma profunda desumanização ao perder não só sua vida cotidiana e seus direitos, como também seu nome de nascença. Sufocada pelo patriarcalismo, perde seus direitos como mulher, mãe, esposa e trabalhadora, tornando-se apenas um objeto, um útero a ser utilizado por Gilead.

A protagonista é a representação de toda a perda de direitos das mulheres, do sufocamento do feminismo. Beauvoir (2019) já afirmava que tais direitos nunca estão completamente seguros e que qualquer mudança política ou social poderia arrancar esses direitos duramente conquistados, e é isto que ocorre com a personagem Offred e sua geração, que acreditava viver em segurança, sem correr riscos de uma regressão tão absurda como a que ocorre no enredo. Apesar da perda de sua identidade e subjetividade, evidencia-se que a personagem ainda demonstra vontade de se rebelar contra o sistema, tenta ser subversiva ao patriarcado quando vai contra as regras de Gilead. Compreende-se que as mulheres devem sempre insistir em suas lutas por direitos, para que ensinem e fortaleçam as gerações seguintes, para que esta perda de direitos jamais venha a ocorrer.

Esta é uma obra que teve grande impacto na época de seu lançamento e continua surpreendendo até os dias atuais. Considerando-se a situação política e social de autoritarismo e censura, não só no

Brasil, mas em outros países (URNAU; TYBUSCH, 2019), entende-se que a distopia assustadora apresentada por Atwood não é completamente impossível de acontecer na realidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Hühner. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOLDMAN, Jane. The feminist criticism of Virginia Woolf. *In*: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan. **A history of feminist literary criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 66-84.

LIMA, Paulo Bastos de. **A representação da mulher em o conto da aia: a influência da cultura patriarcal na percepção da mulher**. Monografia de conclusão de curso. Universidade de Brasília. Brasília, 2017. 36 páginas.

MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: moderna, 1987.

SHOWALTER, Elaine. **A Literature of their Own: British Women novelists from Brontë to Lessing**. New Jersey: Princeton Up, 2014.

SOOFASTAEI, Elaheh; MIRENAYAT Sayyed Ali. Female Body and Sexual Politics in Margaret Atwood's Selected Novels. **International Letters of Social and Humanistic Sciences**. Vol. 55, 2015, p. 154-159.

URNAU, Juliana Inês; TYBUSCH, Francielle Benini Agne. A distopia de O conto de Aia na realidade brasileira: manutenção de direitos frente a crises e retrocessos. **Anais do 5º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**. 2019. ISSN 2238-9121. P. 1-19. Disponível em <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgd/congresso-direito-anais>. Acesso em: 01 mai 2020.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a, p. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b, p. 253-261.

THE HANDMAID'S TALE: THE FEMINISM SUFFOCATION AND THE PATRIARCHALISM VICTORY IN MARGARET ATWOOD'S DYSTOPIC FUTURE

Abstract: The dystopian novel *The Handmaid's Tale* by Margaret Atwood, published in 1985, was analyzed, observing the fragility of feminist conquests. In the plot, the protagonist loses her rights to become a mere breeder. The analysis focuses on the constant necessity of keeping feminist struggles, showing that the protagonist tries to subvert her situation in small acts of resistance. This analysis used the theoretical contribution of Alves and Pitanguy (1985), Michelle Perrot (2019), Mary Wollstonecraft (2016), among others. As for the feminist movement in literature, works by Simone de Beauvoir (2019), Elaine Showalter (2014), Kate Millett (1970), among others, were used. The analysis reveals that the protagonist lives in a dystopian future in which there was a regression of feminist conquests, leading to the victory of patriarchy that imposes archaic lifestyles on women, that was strongly based on a religious and fanatical content. This novel shows that, as Simone de Beauvoir had already pointed out, women's rights will never be guaranteed, so it is essential that everyone is aware of that, and the feminist struggles continue constantly.

Keywords: Feminist literary criticism; Feminist struggles; Resistance.